



Avença

Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V—N.º 115 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato  
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo  
24 de Julho de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto  
Vales do Correio para CETE

# Cantinho dos Rapazes

**N**ÃO sómente deles, mas também de todos os leitores. Conquanto analisemos hoje um caso de um dos nossos, êle interessa todo o mundo. Mundo pensante. Mundo Cristão.

Apareceu-nos aqui um rapaz numa tarde de Julho, há dois anos feitos. A história contou-se, ao tempo. Era de um asilo, aonde fizera a instrução primária, e andava pelas ruas da cidade, por não ter luzes da família. Até à data, ninguém o procurou, sinal de que a não tem, como, de resto, declarou o ex-asilado, ao entrar na nossa aldeia. Colocou-se na oficina de sapateiro, de onde logo lhe veio a designação pitorêscia de *Manel Sapateiro*, a qual ainda hoje conserva, conquanto tenha, há muito tempo, trocado a oficina por um emprêgo no Porto. E' da comunidade do Lar do Porto. *Manel Sapateiro* é um rapaz finório e muito difícil de conduzir. Já fêz os dezasseis. E' o tal das escrófulas. Trouxe aquêle mal. Tem tomado oleo de figado de bacalhau e êste ano, como todos sabem, resolvemos pedir a quem nos abrisse a porta d'uma casa à beira mar, tendo sido muitas as que o fizeram, como *O Gaiato* notificou. Muito bem.

Deixei uma carta no lar dirigida à Família que o ia receber, com 20\$00 dentro, dinheiro d'algebeira, que o Senhor lhe havia de dar, ós poucos. Chamei o doente, dei-lhe notícia da carta na posse do Júlio, e que, apenas obtivesse

licença dos seus amos, tomasse a dita carta e com ela, seguisse. Aproveitei a ocasião para fazer as recomendações necessárias. O rapaz escutou. Eu desandei para a casa de Miranda. No regresso, passo pelo Lar. Perguntei. O doente, tinha ido justamente de véspera. Entro no escritório do Júlio, a examinar as contas da semana, e verificamos que o rapaz não tinha feito a entrega do seu ordenado, e com êle se fôra! Um menino à solta, na praia de Leça, com 300\$00 na algebeira!! Júlio largou tudo e foi por êle. Hoje, encontra-se nos estaleiros de Paço de Sousa.

Chegou no comboio das quatro. Fato azul, bem calçado, cabeleira. Eu sabia tudo quanto êle havia praticado, e êle também sabia, por isso mesmo fomos directamente ao assunto: A receita que se dá aos faltosos d'esta natureza. Eu venho às vezes nos jornais com o nome de bondoso: *O bondoso*. Qual bondoso! Rigoroso. Firme. Decisivo.

O rapaz ouviu. Não o obriguei a nada que não fôsse humano nem racional. Um remédio difícil de tomar, para êle tomar, e nada mais. Não aceitou.

- Quero-me ir embora.
- Sabes que não tens ninguém?
- Não me importa. Dê-me dinheiro.
- Não te dou dinheiro.

Isto foi ao pé do calvário da nossa aldeia. D'alli nasce uma rampa que passa pelo campo de jogos e vai dar às portas da quinta. O Manuel sapateiro, segue aquêle caminho. Eu vi-o, de cima, descer a rampa. Toda a mulher que gera filhos, traz um destino no ventre! Eu vi-o descer a rampa...!

Naquela hora, a nossa aldeia fervia. Tínhamos recebido um convite do Grémio da Lavoura de Penafiel para nos representarmos no cortejo agrícola das festas da cidade, e os nossos rapazes andavam justamente a preparar os carros para o dia seguinte: Ele os porcos do Arouca, num carro de bois possantes, com o jugo das festas. Ele o carro pequenino com os nossos toiros e dentro d'ele alguns Batatas, mal lo *Príncipe*. Ele uma camionete com sapateiros e alfaiates e carpinteiros e ferreiros, tudo ocupado. Ele os camponeses de enxadas ó ombro e os ceifadores, de foicinhas. Ele e orfeão mal-lo *Sejaquim*, a cantar modinhas. Tudo era alegria, só eu é que não! Eu estava triste, triste, triste. O rapaz fôra-se,—para onde?!

Encostei-me ao calvário e vi que a porta da capela estava aberta. Entrei...

A's horas da cela, o Sérgio vem-me dizer que o Manuel estava lá fora.

—Não está. O Manuel foi-se embora há obra de duas horas.

—Está sim senhor. Está fora das portas, assentado numa pedra.

—Deixa-o estar.

Fomos comer o caldo. Nessa noite havia avisos a dar. Quando começo a dá-los, noto o fugitivo sentado no fundo da sala, à mesa dos mais pequenos. Isto foi numa sexta-feira. Dia seguinte, o rapaz cumpriu: comer fora da mesa, um catre por cama, e na hora de recreios, o seu quarto por prisão de porta aberta. Eis a receita. Vem o domingo. Muitos visitantes. O prisioneiro, suborna um dos cicerones, que não lhe deu

dinheiro, enquanto o denunciava a mim. Chamei o faltoso. Salientei a fidelidade do companheiro e o novo mal que ele tinha feito. Segunda de manhã, encontrou-se um bilhete no catre do rapaz, escrito pelo seu punho: *Fugi*. Fugiu. Apareceu no Lar do Porto a reclamar o seu dinheiro e as suas coisas.

—Olha que vais para o caminho do crime, disseram-lhe.

—Quero ir pró caminho do crime!

Eu apareci de tarde. O rapaz esperava pelas suas coisas, para ir *pró caminho do crime*. Fui entregá-lo ao Juiz de Menores, aonde ficou. E mais nada. Desanimar? Não. De cinco rapazes que houveram de recolher a Paço de Sousa, para beneficiar, só êste tresmalhou. Temos cá o João, o Ernesto, o Avelino e o Zé Sá, a darem boa conta de si. Muito boa conta. De resto, fica de pé, que toda a mulher que gera filhos, traz um destino no ventre. O Impenetrável,—doçura dos crentes! Quê? Impenetrável? Não é o homem um ser inteligente? E' sim senhor. Ninguém mais do que S. Paulo quando diz:

Oh profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus, quão incompreensíveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos! Estas notícias são muito amargas de dar, sim, mas é preciso que os leitores as saibam e me ajudem a sofrê-las.

## VISITANTES

Ontem, apeou-se um de sumptuoso carro e entrou na capela, a fazer oração. A' saída, veio-me dizer do que se tratava: andava a família em partilhas e que havia de dar uma boa esmola para esta casa,—se as coisas corresse a seu desejo. Dito isto, toma o sumptuoso e retira-se.

Esta pessoa, não conhece. E' um materialista a puxar tudo e todos para os seus interesses, até o próprio Evangelho,—mas ele não vai. Não conhece. Tão pouco foi oração, o que se passou dentro da nossa capela. Também duma vez procuraram o Mestre para dirimir justamente uma questão de partilhas: *Mestre, dizei a meus irmãos que façam partilhas*. E Ele despediu o suplicante, aborrecido. Não foi oração. Oração é doação, mas o nosso visitante não sabe. Não conhece.

Um cristão sincero e de boa vontade, teria dito assim: «Olhe, padre, os meus irmãos andam em partilhas. Eu entrei agora mesmo na sua capela e fiz oração. Pedi a Deus que me desse o verdadeiro espírito de pobreza, para nunca me prender ao Efemero, nem litigiar. Deixo ficar aqui esta quantia para ajuda do pão destes rapazes, como penhor da minha sinceridade. Quero fazer violência, para ser atendido».

Mas não. Aquele senhor não entende assim. Basta ter posto o *Se*, para não receber nada.

Ele, e quantos se propõe fazer negócio com os interesses Celestes à maneira dos terrestres. E são tantos os que o fazem!

Eu farto-me de prègar por esses pulpitos além contra o ventre. O ventre cega. O ventre obstrui, empana, tolhe, quando dele se faz um deus. E são tantos os que o fazem!

## TORNEI A LISBOA

Pois que remédio, senão tornar! Como pode alguém revelar aos homens as incríveis riquezas do Evangelho, vivendo por amor e interesse das coisas terrenas—como? Não pode ser. Tenho de tornar.

Fazia calor. Saí de Paço de Sousa no *Morris* com ideia de seguir viagem, mas no Porto fui demovido pelos rapazes. Que não. Que não senhor. *Vá no rápido*. O *Morris* é de folheta e v. *assa lá dentro*. Ora aquela folheta é que não está nada certo. Quem, como eu, até à data, se não tem fartado de gabar o *Morris*, não pode de maneira alguma deixar passar o termo. Folheta não. Mas que o carro aquece isso sim. Aproveitei o conselho amigo dos rapazes amigos, e fui no rápido, por favor de alguém que quis andar com o custo do bilhete e o jantarinho, que é sempre do mesmo estilo.

Havia de prègar, como prèguei, na paróquia dos Anjos. Padre Adriano, tinha arranjado as coisas para que o acontecimento saísse nos jornais. Não é amor ó reclame; é necessidade de coroas. Padre Adriano precisa de dinheiro para manter e construir, daí a ânsia. Mas saiu tudo às avessas. No domingo anterior, sem anúncios, arranjei a passar de dez contos. Agora, com anúncios, não chegou a quatro! Seria por causa deles?! Efectivamente, eu lá estava em dois diários da capital, três linhas medrosas, logo a seguir ós funerais! Eu que semeio a vida, ali ao pé dos mortos!

Um nadinha antes das dez, estava na igreja dos Anjos. *A' das nove é que era*, ouvi dizer na — — — Continua na 2.ª página — — —

## Tornei a Lisboa

Continuação da 1.ª página

sacristia. *E à das oito também.* O calor fizera, ao que parece, com que os lisboetas devotos se levantassem mais cedo. Já paramentado, oiço ainda dizer que *a ocasião é má.* Que já está para as praias a gente de dinheiro, e muitas mais sentenças, consoante as cabeças que estavam à roda de mim. Eu, por ter cabeça, também tinha a minha sentença, mas não a dei nem dou. Guardo-a. Eu não faço caso de quanto, nem como, nem quem dá. Meço tudo pelo sacrifício de ir por aí abaixo. Ora isso é que vale.

O meio dia foi a derradeira missa. A todas elas prêguei o Almirante da Esquadra Americana que nesse dia largara do Tejo, não sem primeiramente deixar nas mãos da Assistência, para as crianças pobres de Lisboa, meia tonelada de guloseimas. Esta notícia vira-a eu no hotel, nos jornais do dia, e assim como ela me alegrou, assim eu a comuniquei às almas. Quem se pode calar? A saída do templo, estava o cronista do Tojal. Mal me vê, pergunta quanto me deram e fica naturalmente triste, mas eu continuei a prêgar: *oh rapaz; não é da nossa conta o muito ou o pouco!* E fomos ali perto beber água do Luso. Na noite desse dia, lá estava eu no Rossio, à hora do costume. Terceirinha não, mas comboio da noite sim. Como também é costume, os senhores querem saber se eu é que sou, e um deles, não esteve com meias medidas; deu-me tal nota que chegou para aquela e chega para mais viagens à capital. Deus faça bem a quem o faz.

Uma vez em casa, recebi resposta do Abade de Arouca, para ir à sua freguesia levar notícias da Obra da Rua. Eu tencionava ir àquela histórica vila, de facto, colher elementos para a ficha social dum rapaz que de lá veio pelo seu pé, mas não esperava tanto zelo do pastor d'almas. Foi. Era domingo. A missa das onze, na igreja do mosteiro. A tarde, no cinema, passou o documentário da nossa aldeia. Havia destinado que fossem mais eu os três de Arouca, que são hoje nossos. A notícia andava de boca em boca, cá por casa. Os fatos de cada um estavam arranjadinhos e colocados às cabeceiras da cama. Era só chegar o domingo, *Morris* e pronto. Porém, no sábado de tarde, uma porca das da pocilga, deu sinal de grande ninhada. Um dos aroucenses, tem a obrigação dos porcos. A's dez horas da noite de sábado, passava eu à procura do rapaz, para o dispôr a receber a notícia de que teria de ficar sem efeito a ida à sua terra. Dou com ele a falar à porca, de mansinho. Apenas me vê, exclama: *Contei agora mesmo. Estão certos. Treze.* Eu escutava o interesse do rapaz. Estava ali a sua obrigação. Obrigação viva. *São treze.* E ter eu de lhe dizer que não ia à sua terra natal! Iam os seus compatriotas! Oh dôr das dores! Mas não foi preciso. O rapaz poupou-me. Antes de eu abrir a minha, abriu ele a boca: *Olhe que eu não posso ir!* Aqui está quanto vale um rapaz que veio aqui ter há obra de dois anos. Que fugiu por duas vezes e à terceira ficou. E' este. *Olhe que eu não posso ir.*

Foram os outros. Na Igreja, arranjaram a passar de mil e duzentos escudos. No cinema, algo mais. Tudo, andou à volta de três contos, sem falar em algumas caixas de doce do convento.

## Crónica desportiva

Gaiatos 1 — Mousinho da Silveira 0

No dia 4 do Corrente mês efectuou-se no campo da Constituição um encontro de futebol entre as equipas dos Gaiatos F. C. e o Grupo da Escola Mousinho da Silveira.

Os Gaiatos alinharam pela seguinte forma: Carlos, Sérgio e Poeta; Rio Tinto, António e Velha; Piriquito, Cête, Camilo, Madureira e Solimana.

O jogo começou às 17 horas.

Os jogadores entram em campo entrelaçados, e dirigem-se para a tribuna, onde estão 1 minuto em silêncio. Depois houve a troca de ramos, e o árbitro deu por começado o encontro. Tanto uns como outros atacaram igualmente sendo sempre o adversário que levava a melhor.

Aos 25 minutos de jogo Camilo com um passe de Cête mete o 1.º e único gol do encontro. A segunda parte a nossa defesa teve que entrar constantemente em acção porque os avançados adversários levavam sempre a melhor, e o resultado ficou assim até ao fim do encontro. O público entusiasmou bastante os nossos jogadores.

O cronista TOBIAS.

# LAR DO EX-PUPILO

## MOSAICOS

**S**E os episódios contados nas páginas deste jornal, na rubrica «Isto é a Casa do Gaiato», despertam grande curiosidade, quer pela graça que encerram, quer pela espontaneidade com que manifestam, outro tanto já não acontecerá com os episódios aqui passados e vividos. Ali, existe a frescura da idade e o desabrochar franco e livre daquilo que os gaiatos sentem e que exteriorizam com toda a naturalidade; aqui, há já a maturação das acções e das atitudes, que o tempo fez encaixar, perdendo-se o gosto em relatar a vida quotidiana com as suas cambiantes. Mas hoje, à falta de artigo circunstanciado ou doutrinário, tivemos que deitar mão deste último recurso, para não faltarmos na colaboração.

**T**ODOS os anos o Lar sente o orgulho de dar ao exército português um ou dois dos seus pupilos. Prestar serviço militar é um acto de puro e elevado patriotismo, que deve ser, ao mesmo tempo, de arrogante brio. Escola de civismo e de disciplina, todos os que pudessem deviam passar por lá e retemperar o espírito, preparando-o para os embates duros da vida.—Este ano, coube a vez de enfileirar ao Luiz Ferraz, que goza aqui, em casa, de muitas simpatias. Sempre rosado, muito redondinho, é o benjamim da «malta» e, sobretudo, da senhora governante, que não se cansa de lhe meter torrões de açúcar na boca, em prejuízo da disciplina. No dia da inspecção, Lulzinho chorou, porque via que tinha de esperar mais um ano para casar. Cá em casa *constava-se* que tinha sido visto a chorar abraçado à sua noiva, que comungava assim com ela a desdita do atraso no casamento. Como não podia deixar de ser, afinou, porque não era verdadeira a descrição daquele quadro tão terno e comovente. Não se sabe se alguém chegou a pagar com o corpo a aventura do boato.

**F**OGUEIRAS de S. João! Quem, nestes dias, não sente a sua mocidade a crepitar, numa ansia constante de saltar a fogueira, ou mesmo de valsar? Quem? Rodopiar, comunicar a vida, dá-la para recebê-la, tudo é honesto e legítimo desde que haja coerência e recta intenção, e o animal não sobrepuje o espírito.—Dos conhecimentos que se travam nestas alturas de canções e balões, muitos corações ficam presos, uns por pouco tempo, outros para sempre. Cá em casa, os rapazes folgaram, divertiram-se e divertiram. Mas... como é natural, das luzes desses folguedos, muitos corações vieram a mergulhar nas trevas da melancolia e do abatimento apático. Os mais ressentidos e atacados foram os do Carvalho e do Lobo. Andavam durante muito tempo alheados a tudo, comiam mal e definhavam a olhos vistos. Só se curaram quando os colegas, descobrindo o mal, começaram a apupá-los. Parece que o Carvalho conseguiu criar raízes afectivas, andando bem intencionado. Que êle — e ela — sejam felizes.

**O**S casamentos dos quatro que partiram para África deram brado no meio feminino. Não admira. Os rapazes eram «simpáticos», bem apresentados, com bons empregos em terras africanas e as noivas, orgulhosas das qualidades dos noivos, confidenciavam com as colegas e insinuavam este ou aquele «menino», como sendo capaz de fazer também um lar feliz. Mas o interessante está nisto. Antes, eram os rapazes que andavam aflitos, porque lhes custava a redigir as cartas de declaração, havendo até quem possuísse um livro que para aí anda intitulado «come se deve fazer uma declaração»; hoje, continuam na mesma aflitos, mas agora por não saberem responder às declarações que recebem. Inverteram-se os papéis: passaram eles a ser procurados e há um que se ufana de ter recebido já três cartas, sem responder ainda a nenhuma. Procura-se agora um livro que ensine a saber responder a uma declaração. A continuar assim, cremos que as coisas vão mal, fora da ordem primitiva. Cuidado com as «trintonas» e as «tiazonas». Mesmo fora destes casos aliás gravíssimos!, é muito mais bonito e lógico as coisas correrem pelas vias naturais e normais. E já que andamos a ouvir ler, todos os domingos, o «Matrimónio Católico», de A. Brandão, comentado pelo sr. P.º Manuel, ponderemos bem nas suas reflexões, oportunas em todo o tempo.

**A'** semelhança do que acontece em Paço de Sousa, também aqui há tribunal. Mas este muito mais esporádico e não é público como

os outros, em razão das pessoas (*ratione personae*). A semana passada, dois foram lá chamados por causa dum prejuízo económico que deram ao Lar. A contento das partes, a respectiva indemnização de perdas e danos foi rateada. A característica destes tribunais consiste em os réus tomarem o lugar de juiz e decidirem a questão como se fossem eles a julgar. Mas tudo muito a sério. Pode apreciar-se assim, o critério de cada um, e, muitas vezes, as sanções por eles (os réus) impostas são cumpridas, quando devidamente adequadas. Foi o caso acima apontado.

**M**UITOS leitores têm estranhado a ausência dos artigos escritos pelo sr. P.º Manuel. A admiração e a ausência, aquela dos leitores, esta do jovem sacerdote, são legítimas. A última justifica-se pelo muito trabalho. São três casas a dirigir: o Lar dos ex-pupilos, o Lar do Gaiato, no Círal, e a Casa do Gaiato de Miranda, a acrescentar agora, durante as colónias de férias, a casa da Senhora da Piedade. Por maior que seja a vontade em colaborar no «famoso», não é possível, porque toda esta engrenagem de quatro casas lhe absorve o tempo disponível. Mas como o sr. P.º Manuel tem agora carta e automóvel, o que lhe poupa muito tempo e cansa, ele promete iniciar brevemente a sua indispensável e prestimosa colaboração. Agradecemos, pois, o seu verbo eloquente e cáldo.



## Do que nós necessitamos

Mais bastantes envelopes com notas do Banco, a chamar *grandiosa* e nomes que tais, a esta nossa obra. Mais um cartãozinho a dizer que os funcionários da Junta Nacional da Marinha Mercante resolveram contribuir mensalmente, conforme as suas posses, para a Obra da Rua. Junto encontrará um vale de 151\$50, produto da cotização relativa ao mês findo.

O Avelino, meu secretário, abriu a carta, leu e fez assinante este organismo, sem me consultar. Fez bem. E' o número 11794. São funcionários, que dão *segundo as suas posses*, como eles mesmo dizem. Funcionários d'este e d'outros organismos, tanto particulares como oficiais. Pelas suas dificuldades, avaliam as dos mais, e desejam ajudar. E' a vida de solidariedade, de aproximação, de homem para homem.

Mais uma carta de uma casa de cambios de Lisboa. Abri. Era um recibo e uns impressos e uma letra. Vi logo uma letra protestada e vi P.º Adriano a meter-me em sarilhos, e vi o banco dos réus mal-las portas da cadeia...! Mas não. Depois de um bocadinho de atenção, as coisas mudaram. Era uma ordem de pagamento de vinte contos, chegadinhos do Brasil, menos 20\$00 de selo de recibo sobre o qual eu tracei o meu nome e fiquei sem eles. O Fisco come de todas as gamelas. Não escapa nada! O aviso, tinha um espaço em branco, aonde devia aparecer o nome da firma ou pessoa que fez a remessa. E assim seria, se fôsse transacção comercial. Porém aquela linha ficou branca. Não se sabe quem deu. Mais valor tem o donativo. Também eu não digo a ninguém como o apliquei.

Silêncio! Estas somas oportunas têm sido, desde o princípio, toda a substância da nossa obra. E' o dinheiro que aparece na medida e na ocasião precisas, — o milagre da multiplicação. Mais 150\$ deixados na casa do Porto. Um dos nossos tomou conta e deu conta. Mais uma grande data de pacotes no *Depósito*, e bem assim envelopes com dinheiro. Em um deles, vinham três notas de 100\$00 a dizer assim — *metade do meu ordenado*. Esta é de encaixilhar, por preciosa! Mais roupas de Lisboa. O sinal da nossa obra é este Mais. E' a regra. Vem quando e na medida em que fôr necessário, *mas vem*. Não pode faltar, a não ser, que a gente falte com o preciso aos rapazes que temos em casa. Cautela!

Temos de viver dia a dia; do pão nosso de cada dia. Muitos há que vivem do rendimento em vez do trabalho. E' doutrina falsa. Outros há que do rendimento tiram rendimentos. E' doutrina péssima. Aqui estamos nós a prêgar ao mundo a doutrina verdadeira. Prêgar com obras. Temos encargos e responsabilidades e despesas astronómicas, e vamos buscar os recursos aos fundamentos do Evangelho. Nunca ninguém se enganou neste trilho — *Nunca*.

# AQUI, LISBOA!

## Notícias da Casa de Miranda

—por José Pinho de Carvalho—

**O Bom Pastor** Quem não conhece a parábola do Bom Pastor e não apreciou a beleza poética daquele pequenino trecho da Bíblia, nunca soube o que era lirismo puro.

O Mestre deve ter conhecido de perto essa figura insinuante de pastor, cujo perfil nos retrata com tanta delicadeza.

Era Ele mesmo.

Mas a história não é só a de há dois mil anos. O Evangelho por ser a Verdade, é de todos os tempos: é de hoje mesmo.

Pois foi hoje precisamente o que se deu.

Um pastor, daqui perto, consagrou toda a sua vida à guarda duma dezena de ovelhas.

Vivia para o rebanho, e o rebanho vivia para ele. Não era mercenário.

Passaram-se os anos. Setenta foram os que este bom pastor levou a conduzir as suas ovelhas para a serra visinha, à procura dos melhores pastos. As pernas, já cansadas, recusavam-se a galgar mais montes e vales. Resolveu vender as ovelhas. Hoje vivem por elas.

Safu ontem pela última vez. Quantas vezes teria olhado com ternura para o pequenino rebanho que já mais veria! A noite descia. Fez-se noite também no seu coração. Nunca lhe custou tanto descer a encosta da serra. Sentou-se numa pedra a contemplar o sol poente que lhe dourava o rebanho querido. Adormeceu. Sonhou de certo com as suas ovelhas enquanto as estrelas se acendiam no céu.

Era meia noite quando o foram encontrar. O sono era tão profundo que só no dia de juízo terá fim. Morreu de paixão.

Que belo retrato do bom pastor.

Ai! Fôssemos nós assim, e não haveria tanta ovelha desgarrada...

**Estrangeiros** Não sei como, chegou à América a notícia da Casa do Gaiato. Mal aterrou em Lisboa logo uma senhora da América nos veio procurar.

Voltou já pela terceira vez. Na última das visitas, fazia-se acompanhar pelos pais e marido. São diplomatas. É ela que explica, na própria língua, às pessoas de família a história e finalidade da Obra.

A certa altura volta-se para mim e pergunta:

—Este palácio é histórico, com certeza.

—Sim — respondi, e lá contei o que sabia.

—Olhe, padre, nós somos um povo de há poucos anos, não temos tradição nem história. Quando entramos num país com uma história de oito séculos como Portugal, sentimo-nos num mundo novo.

Ora aí está: foi preciso vir do novo mundo para encontrar aqui um mundo novo. Estava explicado o motivo de metade do seu interesse pela Obra.

—Estas ruínas, continuou, de quando são?

Com muita cautela, lá lhe fui dizendo que datavam dum período em que os monumentos nacionais estiveram votados a um certo desleixo...

—Que pena! — rematou ela.

Ora se os estrangeiros que nos visitam, sentem a desolação das ruínas que nos cercam, quanto mais nós.

E não haverá aí ninguém que, com uma pena nos tire esta pena que nos rebaixa perante nacionais e estrangeiros?

A visita estava a terminar. «*Feliz êxito! Encantado!*» — Dizia o mais velho dos americanos, num português que nos custou a entender. Por sua vez a senhora, ao fechar a porta do *espada*, chamou por mim para me explicar o resto do motivo do seu interesse pela Obra.

—Vou dizer-lhe uma coisa, padre, que talvez goste de saber: Somos de Cincinnati. Somos protestantes metodistas por educação, mas gostamos muito de obras sociais. Meu pai, quando esteve na Turquia, sempre ajudou as que encontrou por lá. Na nossa cidade, ele tinha uma obra assim para rapazes, por isso ele vai encantado. Somos protestantes, mas gostamos que todos os homens se tratem como irmãos, sem distinção de crenças.

Esta lição é para os católicos. Para as senhoras católicas sobretudo, que nem sempre têm esta largueza de vistas. Não sou capaz de esquecer as horas de aflição em que eu entrava em certas casas cheias de santos e voltava de mãos vazias: *Não pode ser, já temos muitos encargos.*

Claro que não vou pôr os metodistas no céu e os católicos no inferno. Mas havemos de concordar que anda por aí muito gato por lebre. Não é aquêles que diz: Senhor, Senhor que entrará no reino dos céus. Felizmente a alma da Igreja é muito grande... Cabem lá muito bem muitos dos que nós julgamos de fora.

**Lisboeta** Quando vou a Lisboa encontro as ruas cheias, mas os gaiatos que vão vender o jornal dizem que não. Que já está tudo para férias. Ninguém se entende.

Onde todos nos entendemos é aqui: os que nos visitam são bons. As provas estão à vista. Velo há dias aí um empregado do Instituto Pasteur. Trazia a mala cheia de caixinhas de conserva. Vinha a suar.

—Como é que V. arranjou tantas latas, e de tantas marcas?

—Lancei a ideia entre os meus colegas. Cada um trazia uma caixa. Aqui estão. São quase cinquenta. Não-de vir mais.

Se não fosse a inocência das crianças, a dedicação de Rapazes como estes, o sofrimento aceite e oferecido por vítimas sem conta por esses hospitais além, o suor dos operários que sabem valorizar a sua actividade, o sangue dos mártires a legião dos que tem fome e sede de justiça — este mundo seria uma carcaça informe onde os homens, como feras, se comeriam uns aos outros. Ainda bem que não acabou no mundo a *Caridade*. De Lisboa vieram mais visitantes. Uma senhora, de S. Sebastião da Pedreira trouxeram castiçais e paramentos para a nossa capela; um grupo de jovens estudantes, deixou nas mãos do porteiro um embrulho de notas e um relógio de ouro. Uma família presenteou-nos com um par de brincos e anel que valem um tesouro. O Montepio, continua a receber e a mandar para cá mais remédios, roupas usadas, revistas, assinaturas. Os atrasados bem podiam desobrigar-se ali.

—Bucelas continua a mandar peixe, brinquedos e bôlos.

Finalmente um belo donativo dum Rapaz de Lisboa funcionário dos Correios, que peregrina a pé para dar à Obra o subsídio a que tem direito pela deslocação.

—E Lisboa, que tal? — Perguntava ele.

—Vocês obrigam-me a dizer que é a melhor terra de Portugal.

P.º ADRIANO

## De como foi a nossa festa a S. Pedro

Foi galinhas. A cozinha é que marca a grandeza da festa. Digam lá o que disserem, o homem é um animal. *Paulo minus ab angelis*, sim. Muito bem. Verdade eterna, mas — animal. Um animal. Daqui nascem os contrastes. Ora muito bem. Galinhas. Uma data d'elas, para as salvarmos da falada peste de Espanha e haver poucas nas capoeiras, quando ela cá chegar.

Também foi bichas. Bichas de rabiar. Dois milhares d'elas. A distribuição foi feita pelos chefes, tantas a cada um. Não só elas, mas também outras peças de fôgo, da grande variedade que tínhamos. O *Xanxaré*, apenas se lhe acabou o stock, veio-me dizer amargamente que já não tinha mais são pedro! *Olha, não o queimasses tão depressa.*

Também foi balões. Balões que o Sérgio fez —, e outros que se compraram feitos. Todos subiram com palmas e assobios da assistência.

Também foi tigelinhas. Eu era para comprar um milheiro d'elas, mas ao saber o seu custo, fiquei-me na quarta parte. Primeiro comer, depois tigelinhas...

Dispuzemos as luzes na orla dos taludes, na cruz da capela, nos braços do calvário, nos peitoris das janelas; —nem Veneza festejada! Porém, foi de pouca dura. As tigelinhas, fazem cobija, de lindas que eram e de cheias que estavam, sim. Mas tudo a fingir. Num instante se apagaram. Areia em vez de cêbo! Comedela!! Comedela da indústria. Dantes não era assim. Uma iluminação de tigelinhas, ia até de madrugada. Agora dura meia hora! O mundo caminha para a *perfeição*... Uns ensinam os outros.

Isto foi na noitada. No dia seguinte, entraram os tambores. Duas caixas e um bombo, tudo rufado por mestres. Cada um, um mestre. Costuma ser também assim nas sinfonias de circunstância; cada número um mestre. Nós cá andamos a par das coisas grandes.

Foguetes é que não. Não houve foguetes. Rio Tinto e Poeta, entusiasmados com a noitada, queimaram tudo. Eu tinha-lhes dado 150\$ para

1 As nossas obras vão indo. O primeiro andar já está todo estucado; já andam a começar no rez do chão. O que está mais atrasado é a pintura mas não é por falta de pintores, é por não haver com que lhes pague. Também cá anda um ladrilhador. Já ladrilhou algumas partes da casa e anda a colocar os azulejos na frontaria da nossa casa. Fica muito bonita; ao meio tem a dizer: Casa do Gaiato.

2 O senhor Padre Manuel agora anda muito atrapalhado com esta casa, com as colónias, com os dois lares de Coimbra e ainda com as obras que cá trazemos.

3 As colónias dos rapazes pobres de Coimbra vieram no dia 6 de Julho para a Senhora da Piedade. Estão cá a dirigir as colónias três seminaristas.

4 A nossa quinta está toda semeada. Há dias tivemos cá um motor emprestado para tirar água e regamos a nossa quinta quase toda.

O tio Pedro vai pedindo ao senhor Padre Manuel para comprar um motor mas ele diz que não tem dinheiro.

Foram, como de costume, vender o famoso à Figueira, a Coimbra e à Lousã. Venderam-se muitos gaiatos. A Coimbra e à Figueira da Foz foi, o Carlos e o Gil.

5 Os nossos dois seminaristas foram a exame e ficaram bem. O Augusto Roque passou para o 2.º ano de seminário com os seguintes valores: Latim 14, Português 13, Ciências 13, Corografia-História 13, Religião 12, Matemática 11, Desenho 10, Música 15.

O Armindo Moreira passou para o 4.º ano de seminário com os seguintes valores: Português 14, Latim 13, Corografia 13, Música 15, Religião 14, Francês 13.

6 No outro dia iam quatro gaiatos à estação buscar farinha e levavam o carro de mão e o Buarcos disse assim: ó Humberto, eu vou com os olhos fechados até à casa onde vivem os mortos, em vez de dizer até ao Dispensário dos Tuberculosos.

## Venda do nosso jornal

Começaram as praias. Espinho e Póvoa receberam os vendedores como os mais anos, sinal de que nem os senhores nem a obra baixaram de nível. Dezasseis assinantes, entregaram o dinheiro aos rapazes, pra fugirem ó ról. Cinco novos ditos, inscreveram-se. Três mil e trezentos escudos, foi o total da venda do número 114. A camisola amarela tem andado às costas do Abel; nunca faz a venda por menos de 250 exemplares. A's vezes, excede aquêles número.

Mandaram-se dois às termas de S. Vicente, a pouca distância da aldeia. Foi o Rôla mal-lo o Cête. Venderam pouco e ficaram desanimados. *Não há lá cafazes*, disse o Cête. *São só senhores sentados em cadeiras*, diz o Rôla.

Eles gostam dos Cafés. Do sussuro. Dos senhores a conversar com êles.

## Lêde e propagai "O GAIATO"

eles, conforme estava no orçamento da festa, e recomendei que os guardassem para o dia, mas eles não foram capazes de um tamanho heroísmo. Assim acabou a festa de S. Pedro na Casa do Gaiato.

# Isto é a Casa do Gaiato

**S**AIMOS da Aldeia no Morris. Era o Cête. Era o Avelino. Era o Alfredo. Era eu. Eles iam tomar conta da expedição do famoso; eu ia pedir em uma das igrejas da Capital. Mal rodamos os primeiros metros, quando eu oiço um surdo cacarejar, do fundo de uma cesta. Virei-me a ver o que era. Lá estava a cesta sobre os joelhos do Cête. Quiz saber tudo, e o rapaz começa a desfiar: Recebera uma encomenda dos senhores do Gáz e Electricidade, de um casal de garnizés do Periquito. Falou a este e ele disse que sim. As aves iam sem preço e ele ia fazer entrega naquela tarde. Eu não sabia de nada! São negócios deles. Acho muito pitoresco os nomes com que eles designam. Ele a senhora do mel, ele a senhora do Amândio, ele os senhores do correio, o senhor das Botas, a senhora dos brinquedos, a senhora das cuecas, e agora, os senhores do gás e electricidade. É um delicioso anonimato, cheio de vida e de cores.

Pois Cête, ao dar-me conta do recado dos garnizés, desata a dizer mal do Periquito e a chamar-lhe nomes: *Ele é um feirante, mas é. E esmiuça.* Conta de como ele vende coisas e explora os seus fregueses, com mira num relógio. Eu deixei falar. Quem mais fala mais se estende, e assim sucedeu ao Cête, como se vai ver. No meu regresso de Lisboa, fui à loja do Periquito fazer a barba. O negócio do casal das aves já tinha sido feito. Periquito relata: *Deram ó Cête quinze mil reis por cada bico. Tenho ali trinta mil reis.*

—Tu conheces a pessoa que te fez a compra?

Eu cá não. É o Cête, que arranja tudo. Ele é que conhece as pessoas.

—E imediatamente a esta informação, soube mais esta que agora dou, para conhecimento de todos, mas sobre tudo do Cête: O Cête levou ó Periquito vinte e cinco tostões de comissão! Pergunta-se: Quem é o feirante?

**A** GORA por garnizés, o Sejaiminho de Antelagar ofereceu dois d'elles ó Moléstia, e este trocou um por uma das do Periquito, mas agora Periquito, diz que uma galinha vale por dois galos e quer-lhe comer o outro, e anda aqui na aldeia um constante barulho com repetidas queixas. Também o Rio Tinto se envolveu em questão com os do jornal, porque Rio Tinto quis meter um coelho seu junto com os dois coelhos dos da redacção, e eles não foram nisso, e esteve para haver sangue!

E por via destes pequenos nadas de cada hora, que formam a vida inteira do rapaz; por via d'elles, se me dão licença, eu troco os nomes: aonde se diz educar eu digo aturar. Bem educa quem bem atura.

**E** STANDO eu ontem ocupado com o auscultador do nosso telefone ao ouvido, surpreendi uma conversa azêda, entre não sei quem: — *Ninguém entende nada naquela casa. São todos rapazes, rapazes que veem ó telefone.*

Por vezes, chegam também queixas nas cartas, do mesmo teor. Noutro dia alguém, ao escutar a voz de quem atende, desliga imediatamente, com um enfadado não estou para aturar garotos.

Apareceu aqui um rapaz com sua história. Mal a vê publicada no famoso, resolveu fugir. O patrão aonde ele trabalhava, mal vê a história no famoso, telefona. A primeira vez atende um rapaz. A segunda idem. O senhor acha que o negócio é importante de mais para uns creanças, não diz o que quer, e telefona uma terceira vez, já de noite. Apareci eu. Perguntado quem era, disse ser

um empregado. O senhor desanca o P. Américo:

«Diga-lhe que não está certo. Trata-se dum caso de muita responsabilidade. Um rapaz que estava à minha conta e fugiu para aí. Não são brincadeiras de rapazes e ele (eu) põe rapazes ó telefone. Et coetera. Et coetera. Et coetera.»

Ora estes senhores têm razão. Dou-lhes razão. Mas isto é da essência da obra. Muito mais sou eu, e estou calado. Muito csladinho. Os senhores de fóra, não sabem metade da missa. Aqui é que é. Quando o telefone toca a horas em que os da casa-mãe andam nas suas obrigações, aí veem eles todos: os dos quartos, os das salas, os do refeitório. Todos! Disputam: *Deixa cá ver que tu não sabes.* Ora isto não vêem nem sabem os senhores impacientes. Sei eu. Pois muito bem. Peço ó senhores mais às senhoras que não desanimem. Que continuem a dar boas notícias pelo telefone. Que vivam a sensação do rapaz da rua que ouve a distância e fala e comunica-se. Ele cheio de vida! Ele a dar a mão! Ele a encher o mundo! Ora vamos lá, senhores impertinentesinho. Nós estamos para os atender e

não éles a nóa. Esta doutrina é dura — aturar. Sim é dura, mas é verdadeira.

**D**EU-SE aqui um grande desastre. Foi o Magala. O Magala resolveu fazer o seu recreio na bicicleta de pau, foi avenida abaixo e estatelou-se lá ao fundo, precisamente aonde o Piriquito duma vez rachou a cabeça, numa digressão, — e nunca mais andou de bicicleta. Pois Magala estatelou-se. Os gritos enchiam a aldeia. Constatou que fóra uma espetadela. Daí a nada, vejo Magala às costas do Fernando e uma data de rapazes a fazer procissão, avenida acima. Foi uma espetadela, ouvia-se da boca do acompanhamento. E foi: foi um prégo. Pelo que se vê, a bicicleta, feita pelos da oficina de carpinteiro, não ficou obra apurada. Um prégo rasgou-lhe a pele e entrou pela carne dentro; e um mais habilidoso e corajoso, foi por um alicate e puxou pelo prégo e ele safu e o sangue pingava, enquanto o ferido ia sendo conduzido para o nosso hospital. Dois dias depois, Magala reassumiu a sua obrigação.

## Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por PEDRO JOAO

**1** O número de rapazes já é de trinta mais ou menos e o dos operários não fica muito atrás. Nós os quatro mais velhos é que nos encarregamos quase de tudo. O Sr. Padre Adriano muitas vezes não está cá e a senhora tem muito que fazer dentro de casa porque é muito grande. Não há cá nenhum chefe de fóra a tomar conta. Nós é que nos responsabilizamos por tudo. Nós quatro não temos sempre trabalho certo porque somos rendidos todas as semanas. Uma semana toma um conta dos miudos, outro trabalho com os pedreiros, outro com os cavadores e outro na cosinha. Depois mudam todos menos o da cosinha que é sempre o mesmo porque só ele é que pesca daquilo. Agora estamos em três camaratas uma com os mais pequenos sendo o chefe o Manteigas, outra com os médios sendo o chefe o Manuel pedreiro e outra com os maiores onde eu estou. Estão quase prontas mais duas camaratas. A noite para que a cosinha se arrume mais depressa vai um de nós cada semana a lavar a louça. O grupo que dá mais trabalho é o dos miudos que vêm de novo. Andam quase todos a reparar as ervas das ruas. O Manuel Pedreiro sempre que toma conta deles chega ao fim da semana estafado. De vez enquanto vai ao senhor Padre Adriano dizer: — tire-me daquela obrigação que eu canso-me mais de os mandar trabalhar do que andar ao pé dos pedreiros. É o Padre Adriano responde: — Atura-os menino! É para que saibas o que eu passei convosco. Os operários são doze: dois estucadores, dois pintores, três serventes, dois pedreiros, dois carpinteiros, e dois cavadores. As formigas acarretam de verão para comer no inverno e quando chegam ao outro verão já não têm nada ou quase nada, assim é o mesmo nosso cofre. Se durante a semana junta algum dinheiro, quando chega ao sábado fica sem nada. Eu é que faço a fêria aos operários. Na semana passada passou de cinco contos.

**2** No primeiro domingo de Julho ou seja no dia da Rainha Santa Isabel nós

resolvemos fundar a conferência de S. Vicente de Paulo no Tojal. Foi meio ano certo depois da inauguração desta casa, (4 de Janeiro). Era muito precisa esta conferência para acudir aos pobres daqui. Ficou constituída pelos seguintes rapazes: secretário, Manteigas; tesoureiro, Manuel Pedreiro, e os confrades eu, Mário Mendonça, Mário Fernandes e Constantino. Para começar vamos socorrer os três mais pobres do lugar e à maneira que vamos recebendo vamos espalhando pelos lugares vizinhos. O primeiro dinheiro veio da quinta. Estavam a estragar-se alguns pepinos e o senhor Francisco vendeu-os e arranhou trinta e cinco escudos. Foi a primeira coisa que cá se vendeu depois de tomarmos conta da quinta no princípio deste mês. Quando eu fôr a Lisboa trago já o livro das actas, o manual e o livro de contas. Daqui por mais algum tempo vamos procurar subscritores para nos ajudarem.

**3** Nós quase todos os domingos vamos dar um passeio por êsses campos e vales. Num destes domingos fomos dar um passeio até às lezírias, com destino a tomar banho no rio Trancão que vai dar com o Tejo. Chegamos lá e batemos com o nariz em seco porque o rio estava com pouca água e muito sujo, porque a maré estava vazia. Mas já que não podíamos tomar banho fomos apanhar caranguejos para fazermos uma caldeirada. Pelo caminho vínhamos apanhando amoras e verduras para enfeitarmos as casas que andam em obras. Viemos encontrar a casa cheia de visitas. O Octávio ficou em casa para os receber. Todos ficaram admirados com os 70 patos que temos. O tal milho é que não veio. Assim não presta. Também já se acabou o azeite que nos deram, agora temos de comprar na Candonga.

**4** Isto é pedir de mais mas como dizem que eu sou chato vou chatiar os nossos leitores dizendo que faço dezasseis anos no dia oito de Agosto e que ainda não tenho um relógio. A caneta veio do Porto, mas agora o relógio parece que vem de Lisboa.

## Crónica da nossa Aldeia

**1** A nossa porca teve treze porquinhos muito bonitos, mas um era o mais fraquinho, e além de ser o mais fraquinho tem uma ferida na barriga, e o que trata dos porcos foi ó curativo ao Snr. Aloísio e a Senhora da cosinha levou-o para a cozinha para lhe dar melhor comida mas coitadinho... morreu.

**2** No dia 13 de Julho com grande alegria estriamos a tão falada casa quatro. Por enquanto ainda estão poucos rapazes mas de hoje para amanhã está cheia de outros nossos irmãos. Tomou conta da chefia o Armando Tobias.

**3** No dia 3 de Julho como a maior parte da gente destes arredores sabiam, organizou-se no concelho de Penafiel as festas da cidade. Nós também fomos. Nós temos uns bois pequeninos, e um carro de mão e três dos mais pequeninos, o Príncipe e os dois batatas, e um carro de bois, e o Arouca com os porcos e uma camioneta de carga toda enfeitada com os trabalhadores das oficinas, e depois uma camioneta de passageiros com os que foram cantar ao Porto e assim seguimos até Penafiel e aí, fomos em cortejo e mais camionetas da quinta da Avelada etc. etc..

Ao passarmos junto da tribuna de honra, onde se encontrava o Ministro da Economia, fomos entusiasticamente aplaudidos e todas as pessoas que se encontravam junto do Ministro levantaram-se e gritaram. E assim acabou as festas da cidade.

**4** Chegou para a Administração uma bicicleta nova e mal ela chegou foi acolhida com muita vozeria. A bicicleta chegou; está tudo muito certo, mas quando uns começaram a gritar que ela não era para os da Administração, isso é que foi.

O Sérgio pegou nela e foi fechá-la mai-lo Sejaquim Ceguinho; isto foi um delírio, quasi que choravamos de desgosto pela nossa bicicletinha.

Ao meio dia na mesa dos senhores isso é que era um barulho por causa da bicicleta; nós estávamos a ver que não comíamos por causa da bicicleta, e às tantas o Pai Américo disse que a bicicleta não era para nós por a gente ser pequenos. Olhem que isto! E anda uma pessoa a pedir aos senhores todas as quinzenas uma bicicleta para no fim dar tudo em nada mas como tudo tem o seu pago, no dia de S. João alguns rapazes do Lar do Porto vieram cá e o Pai Américo deixou-os andar e na nova andou o maior e tão depressa ela chegou como foi logo para arranjar: vejam como tudo tem o seu pago mal ou bem.

**P. S.** — Sim, mas o que o cronista não diz é que mal o Avelino montou na bicicleta nova, caiu dela abaixo. Tornou a montar, tornou a cair! De sorte que a bicicleta nova, está guardada pelo Sejaquim para o serviço de recados a terras distantes, onde o Sérgio tenha de ir. Ele não cai dela abaixo. Enquanto que, das duas usadas que cá tinhamos, quando o senhor doutor Avelino estiver melhorzinho do trambolhão que deu, pode tomar qualquer delas e dar novos trambolhões. Ora eis.